

COMBATENDO O PRECONCEITO COM QUADRINHOS: UMA BREVE ANÁLISE DO TÍTULO X-MEN - A EQUIPE VERMELHA

Jhan Lima Daetwyler

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

RESUMO: O artigo *Combatendo o preconceito com os X-Men* explora como as histórias em quadrinhos da equipe de super-heróis *X-Men* funcionam como uma metáfora poderosa para abordar o preconceito e a discriminação contra minorias. Focado na série *X-Men: Equipe Vermelha* (2018-2019), o estudo analisa como os mutantes, frequentemente alvos de ódio e medo, representam grupos marginalizados na sociedade. O autor discute a relevância de temas como racismo, homofobia e *fake news*, demonstrando como a narrativa fictícia reflete questões sociais reais. A obra destaca a importância de dar voz às minorias e o papel dos quadrinhos como ferramentas educativas e transformadoras na luta contra a intolerância.

Palavras-chave: *X-Men*; preconceito; quadrinhos.

O presente trabalho pretende analisar uma história em quadrinhos específica da equipe de super-heróis mutantes do universo da Marvel, os *X-Men*. Intitulada como *X-Men: Equipe Vermelha*, ela foi uma série mensal publicada nos Estados Unidos pela Marvel Comics, em 2018 e 2019. No Brasil, o título foi dividido em dois encadernados em capa cartão pela Editora Panini Comics Brasil: *A Máquina do ódio* (2019a) e *Lutando pela paz* (2019b). Embora breve, o título escrito pelo roteirista Tom Taylor se tornou bastante atualizado com a realidade. A arte de Mahmud Asrar é substituída, nas edições 6 a 8, pela espanhola Carmen Carnero e finalizada, nas 9 a 11, com os desenhos do brasileiro Rogê Antônio. O artigo aborda como a história fictícia pode ser uma ferramenta importante para debater o preconceito às minorias de nossa sociedade.

Por que ler os *X-Men*?

Os quadrinhos dos *X-Men*, criados por Stan Lee e Jack Kirby, em 1963, evoluíram além do entretenimento, funcionando como uma metáfora para as minorias étnicas, religiosas e sexuais que enfrentam discriminação. Os mutantes, ou Homo Superior, surgem como uma nova espécie, identificada pelo gene X, que os torna alvos de ódio e medo. Essa dinâmica simboliza a marginalização de grupos minoritários.

Desde 1976, com Chris Claremont como roteirista, os *X-Men* passaram a abordar temas como racismo, homofobia e antissemitismo de maneira didática e impactante. A diversidade dos personagens, que representam diferentes origens étnicas, culturais e sexuais, reflete a realidade multicultural do mundo, permitindo que os leitores se identifiquem com os desafios enfrentados pelos mutantes

(DAROWSKI, 2014, p. 35-36).

Portanto, ler os quadrinhos dos *X-Men* não apenas proporciona entretenimento, mas também promove uma mensagem poderosa de inclusão e aceitação. As histórias dos *X-Men* podem mostrar o quanto a intolerância contra um grupo é prejudicial, não só para o grupo, mas para toda a sociedade. E também nos cabe deixar de ser tão apáticos e cobrar mais dos órgãos responsáveis para que a impunidade não sirva como um potencializador de tais atitudes intolerantes e, dessa forma, possamos contribuir para que os erros do passado não se repitam no futuro.

X-men: Equipe Vermelha

Na história, a personagem Jean Grey retornou à vida após cerca de 15 anos morta. Ela encontra um mundo cada vez mais intolerante, no qual a relação com os mutantes não melhorou em nada nesse período. Por conta disso, a personagem adota uma estratégia para reverter isso. Com um grupo formado por Jean Grey, Wolverine, Texugo de Mel, Namor, Trinária, Gambit, Tempestade, Noturno e Nehzo, eles precisam descobrir o que está alimentando essa onda de intolerância. Durante a investigação, descobrem que a vilã Cassandra Nova iniciou um ataque massivo contra os mutantes, desenvolvendo um vírus “sentinela”, que funciona como nano-sentinela que infectam as pessoas, despejando sentimentos de ódio e medo diretamente no cérebro. Como resultado, qualquer pessoa infectada passará a ter uma vontade absurda de matar mutantes.

Jean reúne as mais inteligentes e criativas mentes do planeta para elaborar um plano de defesa frente a tanta opressão contra os mutantes. Com o apoio da legitimidade de Atlântida como uma nação reconhecida, Jean busca ter voz na ONU para representar os mutantes. Considerando que os mutantes são vistos como uma comunidade única pela sociedade, é necessário que eles tenham representatividade política. Na conferência, ela pode falar em nome de seu grupo. Dar voz aos mutantes é algo bastante simbólico e se conecta ao conceito de “lugar de fala”. Abordado no livro de Djamila Ribeiro, a autora possui o objetivo de desmistificar o conceito de lugar de fala, para que seja possível identificar as diversas vivências específicas e, assim, diferenciar os discursos de acordo com a posição social de onde se fala. Em suma, a importância do lugar de fala é oferecer oportunidade para aquelas pessoas que vivenciam esses cotidianos e opressões diariamente, que possuem na própria pele a experiência, possam transmitir essa informação a partir

de suas vivências, e não necessariamente a partir de estudos, leituras ou ponto de vistas. No caso dos mutantes, trata-se de poderem falar sobre o preconceito que sofrem (RIBEIRO, 2017, p. 57-58).

Para Norberto Bobbio, preconceito é uma opinião ou um conjunto de opiniões, às vezes até mesmo uma doutrina completa, que é acolhida acrítica e passivamente pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade de quem aceitamos as ordens sem discussão. Aceitamos sem verificá-la, por inércia, respeito ou temor, e a aceitamos com tanta força que resiste a qualquer refutação racional. No caso dos *X-Men*, pode-se perceber isso com a predisposição dos seres humanos não-mutantes a rejeitar as características diferentes daqueles que possuem poderes incomuns (BOBBIO, 2004).

Na história, a infecção de ódio não foi a única arma de Cassandra. Para inflar ainda mais a comunidade contra os mutantes, ela investiu em produzir notícias falsas nas redes sociais. *Fake news* que inflaram as pessoas e promoveram discursos de ódio. Como resultado, além das pessoas programadas para matar mutantes, também começaram a ocorrer manifestações anti-mutantes, feitas por pessoas manipuladas pelas *fake news*. A passividade estadunidense em relação a manifestações desse tipo pode propiciar o aumento do que conhecemos por *necropolítica*.

Joseph-Achille Mbembe, um cientista político, historiador e professor universitário afirmou que o conceito de *biopoder*, de Michel Foucault (1984), como um agrupamento de poder disciplinar e biopolítica, não é mais suficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação. Sobre as noções de poder soberano e biopoder, Mbembe acrescenta o conceito de *necropolítica*, que vai além de simplesmente "inscrever corpos dentro de aparatos disciplinares". Discutindo os exemplos da Palestina, África e Kosovo, Mbembe mostra como o poder da soberania agora é encenado através da criação de zonas de morte, onde a morte se torna o último exercício de dominação e a principal forma de resistência (MBEMBE, 2016, p.112). Ou seja, a *necropolítica* acontece a partir do momento em que o Estado permite que as forças policiais oprimam certos grupos da sociedade. Em nosso país, percebe-se muitos casos parecidos quando muitas vítimas da ação policial fazem parte da população negra ou marginalizada que vive em comunidades.

Em seu livro *A máquina do ódio*, Patrícia Campos Mello discute de que forma

as redes sociais vêm sendo manipuladas por líderes populistas e como as campanhas de difamação funcionam como uma censura, agora terceirizada para exércitos de trolls patrióticos repercutidos por robôs no Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp. Os bastidores de reportagens da jornalista e os ataques de que foi vítima servem de moldura para um quadro mais amplo sobre a liberdade de imprensa no Brasil e no mundo, numa prosa ao mesmo tempo pessoal e objetiva (MELLO, 2020, p. 23-25). Na história dos *X-men*, que apresenta também o título de “Máquina do ódio”, essa máquina é representada pelos nano-sentinelas que despertam a intolerância e violência nas pessoas não-mutantes. A nossa máquina do ódio, em contrapartida, é a tecnologia das *fake news*, utilizadas estrategicamente para despertar o ódio igualmente através das redes sociais.

Após manipular a opinião pública contra os mutantes, fazendo as pessoas crerem que eles são perigosos e precisam ser identificados e caçados, Cassandra passou a vender as sentinitas para governos. A narrativa é bastante simples e eficaz. Primeiro se convence a comunidade de que uma classe de pessoas é perigosa, e depois vendem-se produtos que permitirão a eliminação desse pessoal. Algo semelhante acontece no nosso mundo com a campanha armamentista, por exemplo, em que se dissemina o medo e a vulnerabilidade das pessoas devido ao aumento da violência urbana e que a única solução possível é a autoproteção mediante a compra de armas de fogo.

Na história, Cassandra divulgou um vídeo falso onde Jean Grey aparece promovendo discursos supremacistas para os *homo superior*, menosprezando e prometendo a morte dos humanos. O vídeo imediatamente é desmentido pela Trinária, que possui o poder de manipular a tecnologia. Porém, conforme a própria Tempestade apontou, o estrago já estava feito. Campanhas de notícias falsas mexeram com o fanatismo, então mesmo que a verdade seja esclarecida, ainda terão pessoas acreditando com todas as suas forças na mentira. O que configura um caso de pós-verdade, que é quando a opinião pública reage mais a apelos emocionais do que a fatos objetivos.

O primeiro país a adquirir oficialmente os *sentinitas* foi a Polônia. O resultado dessa decisão ocasionou a fuga apressada de centenas de mutantes do país. No entanto, o exército tentou impedir e talvez tivesse conseguido, se não fosse a interferência certa dos *X-Men*. Paralelamente, no mundo real, em 2018, o presidente da Polônia sancionou um polêmico projeto de lei sobre o Holocausto,

apesar de protestos de Israel e dos Estados Unidos. Andrzej Duda defendeu a legislação, que tornava ilegal que cidadãos acusassem a Polônia de conivência com os crimes cometidos pelos nazistas durante a ocupação do país na Segunda Guerra Mundial. Ou seja, a escolha da Polônia na ficção não foi ao acaso, é um reflexo do autoritarismo polonês naquele ano.

Durante o conflito na Polônia, Jean explica exatamente o que fez:

Simplemente fundi as mentes dos soldados e dos mutantes por um instante. Mostrei-lhes o outro lado da moeda. E naquele momento, ao invés de monstros, cada soldado experimentou como era ser aquelas pessoas que estavam diante deles, com esperanças, culpas, medos e sonhos. Os soldados viram a verdade por trás da narrativa intolerante do próprio governo, e a maioria deles optou por fazer a coisa certa. Já estive em mentes o suficiente para saber que as pessoas não são verdadeiramente maldosas. São apenas preventivas, desinformadas e assustadas. Seja lá quem esteja alimentando este ódio, é assim que enfrentaremos. É assim que nos posicionaremos. Vamos esmagar as suas mentiras. Vamos rechaçá-las com a verdade (TAYLOR, 2019b, vol. 2, p. 22).

O que a Jean Grey fez com os soldados foi basicamente lhes dar empatia. Ela deu motivos para que os soldados se importassem com os mutantes. Fez eles sentirem-se no lugar do outro. Eles estavam alienados pelas mentiras e *fake news* que lhes contaram, mas viram a verdade no momento em que entenderam a dor do próximo. A chave então para deter Cassandra Nova é a verdade. Mostrar para as pessoas que elas estavam acreditando em *fake news*, que estavam sendo manipuladas. Jean Grey, assim que descobre que é Cassandra a inimiga provocando todo esse ódio, tenta dialogar com ela, mas falha. A vilã é puro ódio e medo.

No clímax da batalha final temos Jean Grey vs Cassandra Nova se enfrentando. A batalha é suspensa quando Noturno teleporta a mão de Texugo de Mel para dentro da cabeça de Cassandra. E então surge a arma secreta dos *X-Men*. Trinária alterou uma das *sentinitas* de Cassandra. Ao invés do nano-sentinela provocar ódio e medo, ela inverteu a programação. Agora a infecção promove empatia. A pessoa infectada passa a sentir apreço e se importar com o próximo. E foi isso que a Texugo de Mel colocou diretamente no cérebro de Cassandra. A vilã não foi morta, a sua maior punição é sentir empatia e se comover por tudo o que causou para a comunidade mutante.

Conclusão

Em seu livro, *Tudo sobre o amor* (2021), bell hooks inicia a sua obra

discutindo a necessidade de uma definição clara de “amor”. Ela critica a cultura contemporânea por sua visão superficial e muitas vezes distorcida do amor, influenciada por imagens midiáticas e narrativas românticas bastante estereotipadas. hooks defende que o amor não pode florescer em um ambiente de opressão e desigualdade. Se o amor é uma força que pode unir e fortalecer comunidades oprimidas, nos *X-Men*, isso pode se manifestar na maneira como os mutantes se unem, não apenas para combater vilões, mas para apoiar uns aos outros em um mundo que frequentemente os rejeita. Eles podem demonstrar amor através da solidariedade, da empatia e do suporte mútuo, criando uma comunidade forte e resiliente.

Os *X-Men* frequentemente enfrentam leis e políticas discriminatórias. Ao enfrentarem essas injustiças com uma perspectiva de amor, lutando por um mundo mais justo e equitativo, eles podem alinhar suas ações com a visão de hooks de que o amor verdadeiro exige um compromisso com a justiça. Para os *X-Men*, que muitas vezes lutam com suas identidades como mutantes, promover o amor próprio pode ser um passo crucial na aceitação de si mesmos e na resistência contra a opressão. Em vez de responder ao ódio e ao preconceito com violência e ressentimento, os *X-Men* podem exemplificar a prática do amor transformador. Isso não significa passividade, mas sim uma resistência ativa baseada em valores éticos e no desejo de transformar o coração e a mente dos opressores. Inspiradas no sonho de Martin Luther King Jr, as histórias podem mostrar como o amor e a compreensão podem ser poderosas armas contra a intolerância, o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa. Ou seja, “amor” é entendido como um crescimento transformador ou evolução (hooks, 2021, p. 27-28).

Quando discutimos esses temas através dos quadrinhos, estamos reconhecendo a existência desses problemas na nossa sociedade. Não estamos simplificando a questão, mas sim destacando como as desigualdades são alimentadas pelos grupos dominantes. As histórias dos *X-Men* nos desafiam a questionar o que é considerado “normal” e a considerar a importância da aceitação da diversidade. Em resumo, os quadrinhos dos *X-Men* não são apenas entretenimento, eles são ferramentas poderosas que nos auxiliam a entender e enfrentar questões sociais frequentemente ignoradas. Eles nos lembram da importância de sermos tolerantes e abertos à diferença.

Referências bibliográficas:

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/297730/mod_resource/content/0/norberto-bobbio-a-era-dos-direitos.pdf

DAROWSKI, Joseph J. **X-men and the mutant metaphor**. Maryland: Rowman & Littlefield, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GARCIA, Yuri; BASTOS, Thiago Freitas. A representatividade das minorias sociais nas histórias em quadrinhos dos *X-Men* e sua importância para a sociedade. **Revista INSÓLITA**. Ano 1, Vol. 1. Número 2, p. 30-46, 2021.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder soberania, estado de exceção política da morte. *Arte & Ensaios*, n. 32, dez. 2016.

REBLIN, Iuri. O X da Questão: Evolução, alteridade e preconceito como desafios à tolerância - uma leitura a partir dos *X-Men*. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia**. Volume 12, 2007: 114-125.

Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2090>

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento & Justificando, 2017.

TAYLOR, Tom. **X-Men Equipe Vermelha**. Volume 1. A máquina do ódio. São Paulo: Editora Panini, 2019a.

TAYLOR, Tom. **X-Men Equipe Vermelha**. Volume 2. Lutando pela paz. São Paulo: Editora Panini, 2019b.